

# MACHADO DE ASSIS E ANATOLE FRANCE

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Desejando reler alguma coisa que de Machado de Assis disseram seus contemporâneos, fui a José Veríssimo, o crítico que os outros críticos elogiam por aquela faceta do rigor e da honesta objetividade, que é sem dúvida a melhor qualidade deste ofício. Além disso, embora quase vinte anos mais moço, Veríssimo foi amigo de Machado, esteve em sua intimidade, banhou-se no seu afeto, e deve ter tirado de tal experiência uma conaturalidade maior, que me parece ser um requisito importante na crítica literária. Ora, a impressão colhida nessa experiência foi-me penosa, e é dela que venho conversar com o leitor de hoje, como quem desabafa.

Para começar, concordo inteiramente com o sr. Olivio Montenegro, apresentador de José Veríssimo na coleção "Nossos Clássicos" (AGIR), nas restrições que faz às restrições que o crítico fez ao estilo de Machado de Assis; e também estranho "as imprevisíveis comparações" feitas pelo crítico paraense entre Machado e Theophile Gautier e D'Annunzio! Mas meu espanto maior foi o reencontro das esquecidas páginas de "Homens e Coisas Estrangeiras", onde, no capítulo "História Contemporânea", o paralelo que se traça é entre Machado de Assis e Anatole France. Referindo-se aos últimos romances, que o autor francês pretendia serem retratos da história contemporânea, diz Veríssimo: "Certo não seria difícil descobrir em Balzac, em algumas tentativas de Flaubert, e ainda em páginas dialogadas de Renan, ou nas ficções de Taine, para não sair da literatura francesa, o germe longínquo e vago onde o sr. Anatole France hauriu e de onde desenvolveu a concepção de sua obra. Não é ela por isso menos nova, pois que tem no estilo, na composição, nas idéias, na forma, toda a originalidade de que somos capazes. Quem escapou de boa foi um eminente escritor nosso: o autor do "Braz Cubas" e do "Quincas Borba", cujo pensamento sutil e delicado relembra a cada passo quando lemos a "história contemporânea" do sr. Anatole France. Imaginem que ele não tem saído com os seus livros alguns anos antes! Não obstante o encontro dos dois escritores não ser senão de pensamento, da mesma ironia desabusada, do mesmo humor cético, da mesma desilusão de tudo "com que se o povo nescio engana", e de certas maneiras idênticas de sentir e dizer, resultantes da conformidade do mesmo temperamento literário, não faltaria talvez quem acusasse o sr. Machado de Assis de plagiário".

Não me ocorreria jamais essa aproximação entre o autor de "Braz Cubas" e o autor de "Les Dieux ont Soif"; e agora que a vejo efetuada não me dou por convencido apesar dos triunfos do autor que a apresenta. Não. Machado de Assis e Anatole France não são da mesma família espiritual. A linhagem que vem de Balzac, e passa por Renan, Taine e Flaubert é diversa daquela que vem de Sterne e Swift, e Pascal, que é o gênio francês oposto a Renan, não somente pela Fé, mas pela própria configuração da inteligência, que em Renan e Taine tem a marca do racionalismo cartesiano, e que em Pascal, ao contrário, tem a feição do que hoje chamamos existencialismo. E sob este ponto de vista pode-se dizer, sem exagero de esquematização, que Renan e Pascal são opostos, e que opostos serão aqueles que no futuro trouxerem nas células da obra seus cromossomos espirituais. Como muito bem observa Alceu Amoroso Lima (O Espírito e o Mundo, José Olímpio, 1936, pg. 113), o "ceticismo de Anatole France pairava na superfície das coisas" e de modo algum se aparentava com o sentimento angustiado que imprópriamente chamam de ceticismo do autor de "Braz Cubas". Anatole France, que foi uma espécie de ídolo de nossa mocidade, mais depressa se parece com Eça de Queiroz, mas assim mesmo com diversos e indispensáveis descontos. Falta-lhe a generosidade intelectual que Eça disfarçava para se conformar com a onda do naturalismo e do racionalismo, e que Antero de Quental subverteu e transformou em suicídio. Falta-lhe calor de vida e sobretudo, apesar do "Petit Pierre", falta-lhe espírito de infância. Machado de Assis e Anatole France escreveram, ambos, livros que fazem sorrir ou provocam o riso, sem por isso estarmos autorizados a dizer que ambos são humoristas e do mesmo humorismo. Todo o mundo sabe que a dor cobre uma enorme faixa de motivações, embora seja

igual o amargor da lágrima produzida por esta saudade ou por aquela outra aflição. Ora, o espectro do riso não é menor do que aquela imensa faixa da dor. Há riso e riso. Há riso de tôdas as côres, e em tôdas as tonalidades; e há ainda as combinações morais e espirituais que num riso põem inocência, e malícia no outro, ou que num riso escondem uma doce tristeza, e noutro publicam uma feroz alegria. Ora, ousar dizer que é nisto, em que parece que os dois autores se parecem, que na realidade eles mais se distinguem. O sorriso machadiano, com todo o seu amargor, tem a obstinada doçura da infância, daquela infância que Capitu destruiu; o sorriso anatoliano, ao contrário, é um atingimento, uma espécie de sinal de irremediável senectude, um modo de fazer sua aquela frase de Nietzsche: "Comme je suis malin!" De um modo geral pode-se notar uma diferença quase nacional entre o riso inglês e o riso francês, e se a um chamamos "humor" para caracterizar certa atitude da alma, ao outro chamamos "esprit" para caracterizar outra fisionomia psíquica e moral. Machado de Assis se filia mais ao "humor" do que ao "esprit", e além dessa diferença, que já tem a largura do Canal da Mancha, convém acrescentar outras mais finas e mais pessoais. O manual de sabedoria de Machado era o Eclesiaste, livro da Fé provocada pelos absurdos do mundo; e sua própria maneira de ser cético era frequentemente apoiada em Pascal, e portanto era mais um modo antitético de ser crente do que um modo de ser cético. Não posso imaginar Anatole France lendo o Eclesiaste, ou lendo as páginas ardentes de Pascal. Ou melhor, imagino-o, e vejo nele aquele fino sorriso apiedado, aquele ar de superioridade de quem já ultrapassou tôdas as puerilidades da crença. Imagino-o quase como Bernanos o imaginou em "Sous le Soleil de Satan", e mais meu espanto com a aproximação feita por José Veríssimo. Basta olhar para o retrato de Machado, e lembrar a triste figura do velho Anatole, para nos convenceremos de uma diferença enorme entre as

duas almas. Como explicar então o engano de um crítico que costumava ser sagaz nas suas colocações? Talvez se explique o fato com um trunfo que temos nós hoje e que Veríssimo não tinha no seu tempo. Esse trunfo é a experiência humana feita pelo mundo nesses últimos anos, e a irreversibilidade de tal experiência, como num artigo anterior salientamos. Hoje, Veríssimo veria que estava enganado como estivemos nós enganados pelo elegante e superficial autor de "Jardin d'Epicure"; veria que logo depois de ter morrido o autor, morreu a obra de Anatole France; enquanto continuam vivos Pascal e Machado. Anatole France foi uma época; Machado e Pascal, com ou sem academias, tem a imortalidade da obra garantida pelo que nelas transcendem à época e ao lugar.

Mas além da falta do necessário recuo para boa apreciação da obra dos dois autores, podemos dizer que o grande crítico paraense se enganou naquela aproximação por se haver antes enganado sobre o teor do ceticismo machadiano. E este engano me parece menos explicável, porque o crítico contemporâneo do autor tinha a presença viva, tinha aquilo que Nabuco chamou de beatitude e que nós só podemos vislumbrar no retrato. Machado nunca foi cético. Sempre acreditou em Deus, em Carolina nos amigos, nas instituições e na Academia. Pode-se dizer que o amargor que transparece na obra, depois de "Braz Cubas", e a ironia de que se reveste, são recursos de que o autor lança mão para exprimir uma profunda e quase indizível experiência. O humorismo machadiano é uma fórmula, como hoje se diz, é um recurso instrumental de que lança mão o autor para fugir à ênfase e à publicação das lágrimas das coisas. Mais pudor que desafeto, mais sublimação que insensibilidade, o humorismo machadiano, como o de Dickens tantas vezes, é uma espécie de lágrima que virou cristal com centelhas de riso... Não. Decididamente não: Anatole France e Machado de Assis não pertencem à mesma família espiritual, felizmente para nós, já que o Machado é nosso.